

Formação e desenvolvimento do professor de química: a história de Jailton¹

Alcione Torres Ribeiro

Departamento de Química e Exatas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequiezinho, Jequié, BA, Brasil.

atribeiro@gmail.com

Nelson Rui Ribas Bejarano

Departamento de Química Geral e Inorgânica do Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

nelsonbejarano@gmail.com

Resumo

O artigo apresenta aspectos da aprendizagem pela experiência, a partir da experiência de vida e formação do professor Jailton. Chama a atenção para o fato de que os espaços de formação inicial e continuada são imprescindíveis na constituição de um professor, porém não são os únicos. A pesquisa desenvolvida inscreve-se num amplo movimento de investigação-formação que adota a abordagem biográfica como perspectiva epistemológica sobre a aprendizagem, a partir das experiências dos sujeitos. Essa abordagem proporciona ao professor confrontar-se com a construção de sua identidade, como uma maneira de aprofundar as reflexões sobre sua formação docente. Pesquisas com enfoque nessa abordagem ainda são escassas na área de Ensino de Química. Neste artigo, mostramos que o professor constrói saberes ao longo do seu percurso de vida e de trabalho, e muitos desses saberes não advêm da academia. Ele vai aprendendo com as experiências, bem e mal sucedidas, e vai construindo conhecimentos referenciais que o ajudarão a avaliar as futuras situações. Além disso, o que os professores aprendem na academia somente se torna útil no momento em que eles experienciam essa aprendizagem, no momento em que põem em prática o que aprenderam, adequando à sua realidade.

Palavras-chave: Formação de professores. Experiência. Desenvolvimento profissional.

Formation and development of chemistry teacher: the story of Jailton

¹ Este texto faz parte da dissertação de mestrado *Histórias de Vida e Formação de Professores de Química* (RIBEIRO, 2007).

Abstract

The paper presents aspects of learning by experience from the life experience and teacher training Jailton. Draws attention to the fact that the spaces of initial and ongoing training are essential in the formation of a teacher, but are not the only ones. The research that is part of a broad movement of research and training that adopts the biographical approach to epistemological perspective on learning from the experiences of the subjects. This approach provides the teacher faced with the construction of their identity and this is a way to deepen their reflection on teacher training. Research focusing on this approach are scarce in the area of Teaching Chemistry. In this paper we show that the teacher builds knowledge over the course of his life and work and a lot of knowledge does not come from academia. He will learn from our experiences, successful and unsuccessful, and builds knowledge references that will help assess future situations. Also, what teachers learn in the academy becomes useful only when he experiences this learning, at the time put into practice what they learned adjusting to their reality in the classroom.

Keywords: Teacher formation. Experience. Professional development.

1. Introdução

Percebendo o ensino como atividade crítica e como prática social, consideramos importante que o professor seja concebido como um profissional autônomo, reflexivo, que investiga *a partir de* e *sobre* sua própria prática. O contato direto consigo mesmo, com os outros e com os acontecimentos do seu cotidiano faz com que o professor aprenda tentando, acertando e errando, refletindo e elaborando conhecimentos acerca de sua prática.

A intenção, aqui, não é colocar a aprendizagem pela experiência como melhor ou pior; mais ou menos adequada; ou mais ou menos importante que a aprendizagem acadêmica. Desejamos, apenas, chamar a atenção para o fato de que os espaços de formação inicial e continuada são imprescindíveis na constituição de um professor, porém não são os únicos. O lugar da experiência na aprendizagem da docência deve ser reconhecido, assim como o do conhecimento científico e do conhecimento pedagógico.

O professor constrói saberes ao longo do seu percurso de vida e de trabalho e muitos desses saberes não advêm da academia. Os acontecimentos no dia-a-dia de uma sala de aula levam o professor a utilizar os conhecimentos que dispõe e muito de sua intuição, sendo capaz de resolver problemas de várias ordens. Assim, ele vai aprendendo com as experiências, bem e mal sucedidas, e vai construindo conhecimentos referenciais que o ajudarão a avaliar as futuras situações e acontecimentos. É importante, então, que o professor conte sua história e que esta seja valorizada e considerada como importante

componente da sua formação, no intuito de que os processos de formação inicial e continuada possam atender às demandas e às necessidades formativas desses profissionais. A possibilidade de reflexão sobre sua trajetória traz para a vida do profissional uma nova maneira de perceber os acontecimentos do seu cotidiano. Porém, Franco (2000) chama a atenção para o fato de que:

[...] refletir a *posteriori* sobre a própria ação requer que o profissional confronte-se com as formas de organização de seu pensamento, com os modos pelos quais as concepções de vida/mundo/educação compuseram-se com as condições desafiantes de cada momento histórico de sua existência, será preciso olhar de frente seus medos e suas defesas, suas escolhas e as razões das mesmas” (2000, p. 2).

É preciso, também, que o professor esteja aberto às suas próprias percepções e críticas, pois de posse dos seus relatos ele tem a possibilidade de ler a sua própria situação, a sua própria história, e o que se passa ao seu redor, no seu cotidiano pessoal e profissional. A dimensão da oralidade, bem como a da escrita de suas memórias, permite acionar dispositivos de formação e autoformação, e os indivíduos passam a ser vistos como construtores de significados sobre fatos, situações e experiências vividas. Nesse exercício retrospectivo ele poderá reviver e perceber os contornos dos caminhos por onde andou, seus erros e os acertos, como se deu a construção de suas crenças, valores e em que momento não conseguiu elaborar significados sobre suas vivências. Ao narrar situações vividas e experiências, o professor as recria, e o sentido dado às situações e experiências aprofunda e esclarece a própria experiência. Isto se deve, especialmente, à linguagem revelada nas narrativas, que assume a potencialidade de organização de sentido que traz à tona imagens e histórias que foram se tornando cruciais ao longo de um percurso pessoal e profissional. À medida que o professor toma consciência dos caminhos na construção de sua identidade, ele a reconstrói, alterando, também, sua identidade profissional, já que esta se alimenta e condiciona a anterior.

Ao sujeito é imprescindível pensar sobre suas experiências para que possa se confrontar com suas próprias elaborações e construções e, assim, perceber o que extraiu de conhecimentos e de saber-fazer do conjunto dessas experiências, percebendo como elas se tornaram formadoras de sua identidade pessoal e profissional. Nessa reflexão encontra-se a dialética entre o individual e o coletivo, sob a forma de uma polaridade: auto-interpretação e co-interpretação das experiências. Os registros de histórias de vida auxiliam nesse

processo dialético ao permitirem ao sujeito confrontar-se com sua história e suas experiências, na reflexão particular e no diálogo com seus pares.

2. Os saberes docentes e o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores

Para pensar sobre a formação e o desenvolvimento profissional do professor é necessário pensar sobre os saberes que os constituem.

Tardif e Raymond (2000) explicitam a noção de *saber*, conferindo um sentido amplo, englobando os conhecimentos, habilidades, competências e atitudes. Os autores apresentam um quadro, relacionando os saberes dos professores, as fontes de aquisição e os modos de integração no trabalho docente.

Quadro 1 – Os saberes dos professores

Saberes dos professores	Fontes sociais de aquisição	Modelos de integração no trabalho docente
Saberes pessoais dos professores	Família, ambiente de vida, a educação no sentido lato etc.	Pela história de vida e pela socialização primária
Saberes provenientes da formação escolar anterior	A escola primária e secundária, os estudos pós-secundários não especializados etc.	Pela formação e pela socialização pré-profissionais
Saberes provenientes da formação profissional para o magistério	Os estabelecimentos de formação de professores, os estágios, os cursos de reciclagem etc.	Pela formação e pela socialização profissionais nas instituições de formação de professores
Saberes provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho	Na utilização das “ferramentas” dos professores: programas, livros didáticos, cadernos de exercícios, fichas etc.	Pela utilização das “ferramentas” de trabalho, sua adaptação às tarefas
Saberes provenientes de sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola	A prática do ofício na escola e na sala de aula, a experiência dos pares etc.	Pela prática do trabalho e pela socialização profissional

Fonte: TARDIF; RAYMOND, 2000.

Os saberes dos professores são plurais, heterogêneos, pois fazem emergir conhecimentos e manifestações do *saber-fazer* e do *saber-ser* muito diversificados, originados de fontes variadas, no exercício da profissão. O quadro mostra os saberes que são utilizados constantemente pelos professores na sala de aula. Mostra, também, a natureza social do saberes profissionais, muitos deles produzidos não pelo próprio sujeito no ofício docente, mas, sim, no convívio com as tradições da sua família, da escola que o formou, da universidade, das comunidades nas quais ele esteve ou está inserido.

Esses saberes não são, necessariamente, contemporâneos uns dos outros, imóveis e igualmente disponíveis na memória do professor para que este possa acessá-los no momento da ação. O saber profissional se insere na história de vida do professor e é construído ao longo de uma carreira. Para Tardif e Raymond (2000, p. 217) a carreira é um processo de socialização e “a socialização é um processo de formação do indivíduo, que se estende por toda a história de vida e comporta rupturas e continuidades”.

Os *saberes da experiência* são originados no cotidiano do trabalho docente e são validados por esse mesmo cotidiano. Por isso, ganham destaque e fundamentam o trabalho dos professores, principalmente daqueles cuja formação inicial é precária ou inexistente. Tardif, Lessard e Lahaye (1991, p. 227-8) definem os saberes da experiência como “o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e requeridos no quadro da prática da profissão docente, e que não provêm das instituições de formação ou dos currículos” e “não se encontram sistematizados no quadro de doutrinas e teorias”. A partir das representações construídas por essas experiências o professor interpreta, compreende e orienta sua prática cotidiana. Os autores denominam esses saberes como “a cultura docente em ação” (TARDIF; LESSARD; LAHAYE, 1991).

A constituição de um modelo de atuação torna-se imperativo para que o professor possa agir de forma mais acertada. Porém, as situações inusitadas acontecem e os improvisos são necessários. Nesse momento, o improviso precisa ser refletido para que possa surtir o efeito esperado. Schön (2000) chamou de *conhecimentos-na-ação* aqueles revelados em nossas ações inteligentes e espontâneas. Faz-se necessário, então, parar e refletir sobre o novo desafio, e encontrar um novo caminho para a resolução do problema, sem necessariamente interromper a ação. É a chamada *reflexão-na-ação* que “leva a experimentos imediatos e a mais pensamentos que afetam o que fazemos” (SCHÖN, 2000, p. 84).

No quadro dessa dinâmica reflexiva proposta por Schön (2000), temos, ainda, a *reflexão-sobre-a-ação* – que ocorre posteriormente à ação com o intuito de repensar o vivido – e a *reflexão sobre a reflexão-na-ação* – distanciamento maior da ação e interpretação para uma revisão contínua da prática. Esses movimentos são necessários, após a ação refletida, para que possamos produzir uma boa descrição sobre a *reflexão-na-ação* e conformar a nossa ação futura. São componentes indispensáveis do processo de aprendizagem permanente, próprio da formação e do desenvolvimento do professor. É

essencial uma pausa para refletir em meio à ação e sobre a ação. O movimento de criação dos modelos de resolução dos problemas impostos pelo cotidiano escolar pressupõe a reflexão sobre esses problemas e a conseqüente criação de estratégias de resolução. Essas experiências de enfrentamento de problemas, de improvisação, de utilização da intuição e da consciência de limitações na resolução são *experiências formadoras*².

Pode-se dizer que o professor se desenvolve com base nas próprias experiências, e são essas experiências que impulsionam ou freiam esse desenvolvimento. A formação advém tanto da academia quanto da atividade crítico-reflexiva sobre suas práticas e da reconstrução permanente de uma identidade pessoal (NÓVOA, 1992). Para Nóvoa (1995, p. 17) “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoas enquanto exercemos o ensino”. Por isso, não é possível separar totalmente o profissional da pessoa; o desenvolvimento profissional anda lado a lado com o desenvolvimento pessoal.

Assim, uma das maneiras mais eficientes de analisar o desenvolvimento de um indivíduo ou de um profissional é ouvir sua história, suas ideias, suas lamentações. As narrativas contidas neste texto mostram que a consciência sobre sua história de vida proporciona ao professor um novo olhar sobre sua própria trajetória, levando-o perceber como esta trajetória influenciou na formação do profissional que ele é hoje. Além disso, a possibilidade de rever seus próprios conceitos sobre os aspectos relacionados à sua profissão traz a possibilidade de renovar sua prática e começar a escrever uma nova etapa de sua história.

3. A história de Jailton

No início do ano de 2005, conhecemos um grupo de professores que iniciavam uma experiência pioneira no estado: a Licenciatura Especial em Química, um curso do Programa de Licenciatura Especial da UFBA – PROLE (UFBA, 2003) em parceria com a SEC-BA (Secretaria de Educação do Estado da Bahia)³. O objetivo do curso era promover a formação superior, em serviço, de professores da rede estadual de ensino.

² O conceito de *experiência formadora* é discutido por Josso (2004) em seu livro *Experiências de Vida e Formação* e se refere às experiências que fazem com que o professor se desenvolva pessoal e profissionalmente.

³ Esta modalidade de Licenciatura atualmente é chamada de *Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR)*.

Começamos a trabalhar com alguns desses professores num projeto que pretendia reconstituir a história de vida e profissional de três professores de Química, alunos do PROLE em Química, com o intuito de identificar as experiências determinantes na suas formações e como se deu a apropriação dessas experiências, tornando-se aprendizagens da docência e influenciando diretamente o seu desenvolvimento. Realizávamos entrevistas com esses professores e procurávamos saber como fora sua infância, o início da vida escolar e todo o percurso até se tornarem professores de Química. Preocupava-nos, também, saber como estava sendo o período de formação inicial na Licenciatura e se suas aulas já estavam mudando.

Dentre esses professores com quem trabalhamos no projeto estava Jailton Fernandes, um professor de Química formado no curso de Magistério e que pouco conhecia de Química antes de começar a ensinar. O professor Jailton reside em Pintadas, uma cidade de pouco mais de 11 mil habitantes, situada no semi-árido baiano, na área do Polígono das Secas. À época, tinha 41 anos de idade, casado e com três filhos. Para complementar a renda da família sempre fez trabalhos como pedreiro, ofício que aprendeu com seu pai a partir dos 7 anos de idade. Morava e estudava na zona rural, e precisava ajudar o pai nos afazeres da roça quando voltava da escola.

Passou um período de dificuldades na cidade de Salvador, no ano de 1989, quando tentava cursar Educação Física na UFBA. Acabou voltando a Pintadas, no final deste mesmo ano, e, em 1991, fez o concurso para professor da rede estadual. Lecionava Ciência e Matemática. Em 1997, começou a lecionar Química para a primeira série do Ensino Médio.

A escola em que Jailton trabalha pode-se dizer que é um modelo para a região. O Colégio Normal de Pintadas é um local muito bonito, com um jardim florido, canteiros com plantas lindas e árvores que proporcionam ótimas sombras. É uma escola pequena, porém organizada, limpa e com vários recursos e projetos desenvolvidos por professores e alunos.

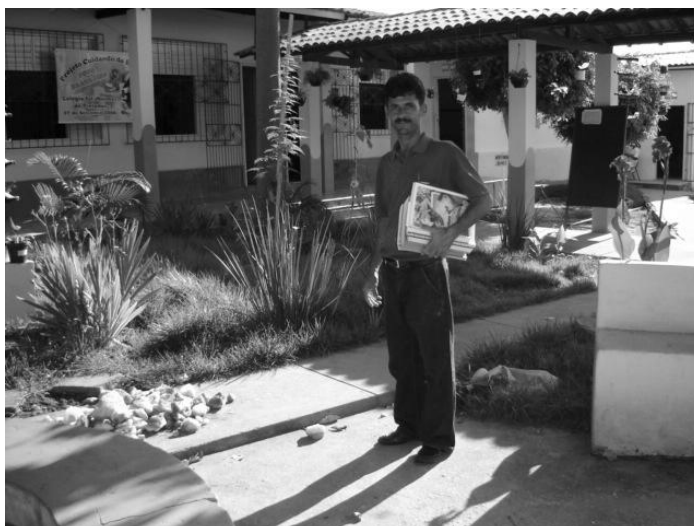


Figura 1 - professor Jailton no jardim desenhado pelos próprios alunos da Escola Normal de Pintadas.

Jailton tem grande orgulho da escola em que trabalha. Ele sempre nos contava sobre as atividades que desenvolve lá e de como gostaria de ter um melhor domínio da Química para ajudar o colégio a formar ainda melhor seus alunos. O PROLE surgiu como uma oportunidade de formação, tanto em conteúdos de Química que Jailton não dominava muito bem, como em novos métodos para sua atuação em sala de aula. Também, como uma forma de poder melhorar sua condição financeira.

3.1. A difícil vida na roça e a satisfação em aprender e poder ensinar

Jailton foi uma criança quase sem infância. Na época em que entrou para a escola, aos 7 anos de idade, precisava caminhar 2 Km para estudar. A classe era multisseriada e funcionava na casa da sua tia. Todos usavam uma cartilha para estudar, mas ele não tinha dinheiro para comprá-la.

Às vezes sonhava com a tal cartilha.

Estudou nessas condições até a terceira série do Ensino Fundamental. A partir daí, foi estudar no povoado de Pintadas⁴. Percorria 9 Km todos os dias, às vezes a pé, às vezes a cavalo ou bicicleta. Ao retornar para casa, Jailton e seu irmão ajudavam seu pai nos afazeres da fazenda.

⁴ Nessa época, Pintadas era um povoado do município de Ipirá.

A gente o ajudava fazendo cerca, fazendo limpeza de roçado, fazendo manejo do gado, pra prender o gado, pra ajudar a tirar o leite, ajudava a dar ração na época da seca. Quando a seca era prolongada a gente tinha que cortar mandacaru e palma pra dar ao gado.

Nessa escola de Pintadas, Jailton conheceu uma professora muito rígida, que agredia fisicamente os alunos caso eles não soubessem responder rapidamente às lições da tabuada. Apesar disso, ele conta que desde o primeiro momento que teve contato com a escola começou a *“admirar a arte de ensinar, transmitir um conhecimento e achava muito interessante dominar a leitura e poder conhecer as coisas”*.

O modo como as experiências iniciais se desenvolvem no meio escolar interfere na forma como um futuro professor moldará a sua prática docente. Para Josso (2004, p. 48) as experiências desse tipo simbolizam *“atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades”*. Isso fica evidente quando analisamos os depoimentos de Jailton. Ao lembrar-se dessa fase de sua vida, não esconde sua satisfação ao ingressar na escola, nem sua tristeza pelos momentos de dificuldade. Em sua história, o primeiro período escolar aparece como momento de grande encantamento e de início dos pensamentos de se tornar professor no futuro. Nos seus depoimentos podemos perceber a satisfação causada pela possibilidade de conhecer e transmitir a outras pessoas o conhecimento adquirido. Para Catani et al.,

tais experiências não desaparecem da história do sujeito. Embora pouco visíveis, pode-se dizer que, de algum modo, permanecem vivas e atuantes ao longo da formação, dando suporte às relações que paulatinamente o aluno, mais tarde, professor, acaba por estabelecer com a escola e com o conhecimento ao longo da vida (2000, p. 165).

As experiências da infância ajudam na conformação dos modelos, crenças e concepções sobre a escola. Segundo Josso (2004, p 43), *“os contos e as histórias de nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem”*. Nos depoimentos de Jailton podemos perceber vivências que, pelo impacto que causaram em sua vida e pela reflexão feita sobre os acontecimentos, se tornaram experiências, auxiliando em sua formação como pessoa e como professor.

Em seus relatos, Jailton sempre demonstra muita satisfação pela possibilidade de conhecer e transmitir conhecimentos às outras pessoas; a profissão de professor é algo que

lhe contenta até hoje, apesar dos baixos salários proporcionados. O marco da sua decisão de se tornar professor foi no período de estágio no curso de Magistério.

Sentia-me viajando no fantástico mundo do conhecimento e do aprendizado dos alunos. Sentia uma imensa satisfação quando era elogiado por estar dominando o assunto e saber que a turma conseguia aprender.

Em 1989, após concluir o Magistério, resolveu fazer o curso de Educação Física na UFBA. Apesar de começar a realização de um sonho, Jailton se viu numa situação de extrema dificuldade, na qual era impossível continuar vivendo. O aluguel da casa onde morava era paga pela prefeitura de sua cidade, que atrasava constantemente a quitação, fazendo Jailton e seus colegas passarem por situações constrangedoras junto ao proprietário do imóvel.

As condições da república eram ruins: quando chovia, gotejava sobre minha cama. No primeiro dia que cheguei, dormi no chão, apenas com um papelão que arrumei, pois o prefeito deveria ter comprado fogão, cama e colchão, mas não havia comprado.

Dali em diante, a alimentação era de sua responsabilidade e, como os recursos financeiros eram escassos, Jailton resolveu trabalhar.

No início eu e meu colega procuramos emprego na gráfica Central e só conseguimos para vender embalagens de papel em padarias e supermercados. Não consegui vender muita coisa e acabei desistindo.

Nesta época a UFBA tinha um programa de apoio a estudantes carentes, que lhe possibilitava fazer duas refeições no restaurante universitário a um valor bem baixo. Jailton procurou o programa, fez a entrevista e acabou conseguindo as duas refeições. Porém, dias depois o restaurante fechou e Jailton voltou a não ter mais condições de se alimentar adequadamente. Por esse motivo, não conseguia realizar bem as tarefas impostas pelo curso. As aulas práticas de Educação Física exigiam muita energia, coisa que Jailton não dispunha por conta da má alimentação à qual se submetia. Passava mal, não conseguia acompanhar o ritmo do curso. Acabou trancando o curso, no final de 1989, e voltando para Pintadas.

3.2. A trajetória profissional

No início de sua carreira Jailton lecionava Matemática para o Ensino Fundamental numa escola rural. Ao fazer o concurso do estado, em 1991, passou a lecionar Ciências e, por falta de professores na escola, começou a lecionar Química para o Ensino Médio.

Após algumas tentativas de viver em São Paulo, retornou a Pintadas, em 2005, justamente quando surgiu a possibilidade de fazer o curso de Licenciatura Especial na UFBA. Ao retornar, lhe entregaram Química para lecionar como o professor titular da disciplina na escola, e Jailton aceitou o desafio.

Ensinar Química não era fácil. Jailton pouco teve contato com Química na escola. Para dar aulas de Química, Jailton recorria aos livros didáticos de que dispunha e se baseava nos antigos professores, na forma como eles trabalhavam.

Eu tinha que ser autodidata, pegar os livros e estudar mesmo para tentar entender o assunto e eu não tinha com quem tirar dúvidas. Eu tinha que me virar sozinho. De certa forma o livro era uma espécie de guia. Eu tentava acompanhar aquilo que o livro estava mostrando para passar para o aluno. Mas eu não tinha uma visão crítica daquilo que estava passando. Também não tinha certeza, segurança, muitas vezes, e medo de estar errado, medo de estar passando algo errado.

[...]

As questões que eu resolvia e estava certo eu passava. As que eu não conseguia nem passava porque eu não poderia passar uma questão que não sabia como resolver. Mas tentava passar.

Suas aulas se resumiam a um esquema feito no quadro com os pontos a serem abordados em cada assunto, e a uma aula expositiva em que ele repetia exatamente o que estava no livro didático.

Dividia os assuntos por unidade e tentava cumprir aquele programa mesmo. A preocupação era fechar aquela quantidade de assuntos por unidade, atingir aquilo e quando eu não conseguia atingir aquela quantidade de assuntos, me sentia frustrado. Achava que eu não estava conseguindo ir adiante, que eu estava amarrado. Então, o grande objetivo era mesmo dar o programa todo!

Para ele, aquela forma de trabalhar era a mais correta. Se baseava nos professores que tivera e não sentia que algo estava errado. Ensina o que estava no livro, cobrava e os alunos repetiam aquilo nas provas.

Eu achava que estava normal, que estava fazendo a coisa mais perfeita do mundo! No meu entendimento, me sentia como se estivesse perfeito, me realizando e realizando, ao mesmo tempo, os objetivos dos alunos. Eu imaginava que estivesse no caminho certo.

Apesar das dificuldades, Jailton foi se tornando, aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros, um professor com sua própria cultura, suas ideias, seus interesses. O início da carreira profissional constitui a fase em que as experiências anteriores, a realidade do trabalho, a descoberta dos alunos e do sistema escolar que o engloba, se encontram, se chocam, e esse choque faz com que o professor necessite reorganizar seus conceitos, suas concepções, para que possa desenvolver um trabalho adequado à realidade que o cerca. Segundo Tardif e Raymond (2000), ao passo que o professor trabalha, vai dominando progressivamente os saberes necessários à realização do seu trabalho. É nesse momento que se dá a estruturação do *saber experiencial*, proporcionando certezas relacionadas ao seu contexto de trabalho. É um momento difícil, um momento de sobrevivência profissional, no qual o professor precisa mostrar sua capacidade. À medida que os professores vão construindo suas próprias aprendizagens, suas próprias experiências, vão dominando suas funções e tendo a consciência sobre seus limites.

Após participar de alguns cursos de formação continuada, Jailton começou a se questionar se realmente estava atingindo os objetivos certos com seus alunos. Porém, não conseguia mudar e ainda tinha alguma certeza de seus métodos. A tradição do ensino por transmissão de conteúdos ainda era muito forte em sua vida. Só após a entrada no curso de Licenciatura foi que entendeu que seu método de trabalho não prezava pela análise crítica dos conteúdos, que não se preocupava em trabalhar algo que tivesse valor real, e que nem todos os assuntos que estavam no livro didático necessitavam ser exaustivamente ensinados em suas aulas. Em um dado momento de nossas conversas, Jailton falou sobre como ensinava os conteúdos relacionados à Tabela Periódica.

A Tabela Periódica era muito pedida para desenhar. Desenhar a Tabela Periódica era uma forma de trabalhar o assunto. Só desenhar e pintar, classificando em metais, não-metais, gases nobres. Eu trabalhava eletronegatividade, raio atômico, essas coisas, com setinhas indicando como crescem. Mas eu não pedia para que eles decorassem a Tabela. Só desenhar e pintar mesmo. E não tinha nenhum estudo sobre a importância de alguns elementos da Tabela e onde poderíamos encontrá-los. Para trabalhar os metais, por exemplo, eu não associava com a litosfera. É uma coisa que a gente pode trabalhar com os alunos porque a maioria dos metais é encontrada no solo da forma de óxidos. Então, eu não tinha essa visão. Ao trabalhar com gases, por exemplo, eu não associava com a atmosfera. Era muito solto! Os alunos tinham a visão que química era difícil e complicada. Os alunos já chegaram a me perguntar onde iriam usar aquilo.

Em suas falas, Jailton sempre demonstrou preocupação com o que ensinava aos seus alunos, e o que ensina atualmente, questionando sobre a veracidade das informações transmitidas.

3.3. A possibilidade de crescer na profissão e na vida

A Licenciatura Especial surgiu como uma possibilidade de melhoria na qualidade de vida e de trabalho para o professor Jailton.

Eu sempre pensei que deveria fazer um curso de licenciatura, um curso superior porque iria me dar mais ferramentas, me preparar melhor para exercer a profissão. Para eu poder aplicar métodos mais adequados ao processo de ensino e de aprendizagem. Sempre foi minha intenção fazer um curso superior e a licenciatura foi fundamental. Foi e é! Foi, pelo que já aconteceu e é porque está me dando recursos e fornecendo a capacitação necessária para eu melhorar.

Desde o início, Jailton acreditava que aprenderia novos métodos de ensino, melhoraria sua auto-estima e sua relação com os alunos. O curso de Licenciatura representava, também, a possibilidade de melhorar seu salário. Após a entrada no curso, Jailton não pôde mais trabalhar como pedreiro, o que complementava seu baixo salário de professor. A perspectiva é que, ao término do curso, ele solicite progressão de carreira e possa receber um salário um pouco melhor, que dê para sustentar uma família de cinco pessoas. Além disso, Jailton e sua família residiam num cômodo improvisado enquanto ele não terminava de construir sua casa, o que se tornou mais difícil com as atividades da licenciatura.

Então eu tinha que acabar fazendo “bicos”, serviço de pedreiro, cerâmica para complementar o salário que é realmente defasado.

[...]

Agora estou sem poder realmente complementar. Eu estou conseguindo sobreviver assim mesmo.

[...]

É muito difícil porque com tão pouco salário a gente acaba não dando o que eles⁵ precisam: educação, livros, roupas, como deveria ser, com qualidade.

Na licenciatura, Jailton percebeu mais claramente a necessidade de mudança da sua forma de trabalhar Química. Procurou aplicar muito do que aprendeu nas suas aulas e pretende fazer ainda maiores mudanças quando se sentir seguro para isso. Um de seus

⁵ Seus filhos.

maiores desafios consistia nas aulas práticas. Quando questionado sobre se suas aulas melhoraram e como melhoraram, Jailton respondeu que:

Melhorou na forma de passar os assuntos, nos questionamentos que sempre faço sobre o que eu estou passando para o aluno, se tem valor ou não, se eu posso selecionar alguns conteúdos que são mais importantes para o aluno, não me prender muito à quantidade do conteúdo, mas sim à qualidade.

[...]

Agora eu trabalho com o aluno buscando fazer uma relação da Química com a vida cotidiana dos alunos, com o dia-a-dia, como são os processos de transformação na sociedade moderna, a industrialização, a globalização, os processos de produção e de consumo.

Ao visitar Jailton em sua escola, tivemos a oportunidade de observar algumas de suas aulas e perceber que, realmente, ele estava procurando inovar. Suas aulas eram bem planejadas e preocupava-se em ensinar sempre partindo do conhecimento que os alunos já traziam, dando exemplos de coisas familiares a esses alunos. Muitos deles vêm da zona rural e possuem muitos conhecimentos sobre manejo de algumas culturas, pecuária e fabricação de alguns produtos, como sabões e desinfetantes.

Quando a gente programa direitinho, faz um trabalho planejado e pensa no que vai fazer, se torna até mais fácil do que estar lá no quadro expondo e falando e gastando muita corda vocal para explicar!

Jailton se apresentava como um professor que procura meios de driblar as adversidades em prol de um objetivo maior: educar cidadãos conscientes de seu papel, capazes de interferir positivamente e proporcionar um futuro melhor para a sociedade. Demonstrou que passou a entender o ensino de Química como algo capaz de inserir o aprendiz no contexto sociocultural em que vive (MALDANER, 2000). Esse entendimento gera certo entusiasmo nesse professor que estava em busca de uma melhoria na qualidade de seu trabalho, sem saber bem o que procurava e como fazer para alcançar essa qualidade.

3.4. Não é fácil mostrar-se

Não foi fácil entrevistar o professor Jailton. Ele tinha certa aversão ao gravador, que o impedia de ficar à vontade e contar sua história. Essa barreira só foi ultrapassada na visita que fizemos a Pintadas. Lá, em seu ambiente, Jailton conseguiu relaxar e foi possível explorar muitos aspectos que antes não havíamos conseguido.

Jailton se mostrou um professor muito preocupado com a influência exercida na vida de seus alunos. O tempo todo ele dizia que sua intenção era formar seus alunos para as demandas da sociedade. Segundo ele, o que o leva a ser o professor que é, hoje, deve-se

A vontade de poder transformar uma realidade, um local, poder contribuir para transformar uma realidade existencial, tanto aqui no município quanto no país. Se eu fizer meu trabalho de forma coerente, de forma correta, estarei ajudando a modificar a realidade de uma sociedade.

A cada entrevista, cada conversa, Jailton parecia se questionar mais e mais sobre as ações que empreendia em sala de aula. No final do trabalho, ele nos escreveu algumas mensagens eletrônicas em que avaliava o resultado do trabalho com as narrativas para a sua vida profissional.

As entrevistas tiveram um caráter marcante no meu modo de pensar e avaliar a minha prática em sala de aula. Passei a me policiar mais e a ter a preocupação sempre presente e constante sobre a veracidade da informação que deveria passar para o aluno. Estar sempre questionando e interrogando sobre a importância do que apresentaria em sala de aula, do que tinha como certeza e se era realmente uma certeza.

A mudança de comportamento de Jailton diante da presença do gravador já evidenciava que houve um crescimento e uma quebra de barreiras na vida desse professor. Mas, a melhor forma de compreender isso, é percebendo como Jailton ministrava suas aulas, se esmerava na preparação delas e na forma como abordava seus alunos que, segundo ele mesmo, mudou muito após a Licenciatura e após as entrevistas.

Todas as entrevistas me fizeram lembrar a minha infância como estudante e como professor posteriormente. Deixei de pensar com a mesma visão, digamos ingênua, que tinha de muitos assuntos de Química e até de ensino e aprendizagem. Me fez pensar na forma de atuação dos meus primeiros professores e se seguia, de certa forma, o modelo de ensino que muitos adotavam.

Narrar sua própria história propiciou a Jailton momentos de contato consigo mesmo, contato com experiências divergentes em que é possível se fazer interrogações sobre as escolhas, inércias e dinâmicas na construção de uma carreira. As experiências importantes na sua formação são aquelas que alimentam a autoconfiança, mas também são aquelas que alimentam as dúvidas e as incertezas. Foi capaz de se reconhecer e de se estranhar, de

avaliar atitudes e concepções na formação de sua identidade docente e, ao se contar, se reinventava.

4. Considerações finais

A carreira e a vida de Jailton são marcadas por experiências formadoras bastante claras. Na construção do modelo de professor, no aprendizado com o curso de Magistério, na trajetória dentro do curso de licenciatura e no trabalho com a pesquisa da sua história de vida, esse professor nos informa experiências determinantes de sua identidade pessoal e profissional. As narrativas de sua trajetória mostraram-se valiosas na intenção de conhecer tais experiências e entender como foram assimiladas por ele.

Diversos saberes indispensáveis à atuação do professor em sala de aula resultam de uma elaboração pessoal do próprio professor, e nem sempre podem ser ensinados em instituições de formação, pois, muitas vezes, possuem um caráter intuitivo. Esses saberes foram desenvolvidos pelo professor Jailton no contato direto com o ambiente de trabalho através das experiências vividas, da elaboração de estratégias de resolução de problemas e da tomada de decisões em situações de ensino. As relações com pessoas significativas, com professores em época de escolarização ou com seus próprios colegas de trabalho também foram fontes experiências formadoras que ajudaram a modelar a postura do professor Jailton, e, ao reconstituir sua história, foi possível articular períodos de sua existência que reúnem várias dessas experiências. Foi possível, também, compreender o que fez com as experiências que a vida lhe proporcionou, como se constituiu professor a partir dessas experiências.

O trabalho com as narrativas configurou-se como uma experiência formadora para Jailton, na medida em que possibilitou a reflexão e o domínio sobre suas experiências anteriores, suas atitudes, suas escolhas, gerando uma reorganização de suas ideias, suas representações e concepções. As narrativas apontaram para transformações importantes na vida pessoal e profissional deste professor. A tomada de consciência sobre suas experiências, suas atitudes e suas escolhas foi importante no sentido de que passou a olhar sua carreira com outros olhos e perceber que o olhar para si, para sua trajetória, pode ser uma fonte de aprendizado para a conformação de suas ações futuras. Jailton demonstrou o desenvolvimento de uma percepção crítica de suas ações docentes, identificando a

necessidade de mudanças efetivas e reconhecendo a dificuldade de essas mudanças se processarem. Esse é o primeiro passo em direção a transformações significativas em suas ações.

As narrativas de sua história de vida proporcionaram a Jailton as condições para confrontar-se com a construção de sua identidade, consistindo numa maneira de aprofundar as reflexões sobre a formação docente. Mesmo em tempos de racionalização e de uniformização de práticas educativas, o professor produz a sua própria maneira de ser professor, conferindo à sua prática características do seu modo de pensar, de suas crenças e de suas concepções.

Os resultados da pesquisa apontam para o entendimento de que ainda existe muito a ser feito em termos de pesquisa e de formação de professores na área de Química. Consideramos de fundamental importância que se compreenda o desenvolvimento do professor, as experiências que podem determinar esse desenvolvimento e as prioridades desses profissionais para que se produzam conhecimentos capazes de, verdadeiramente, auxiliar nesse desenvolvimento.

Referências

CATANI, D. B.; BUENO, A. O.; SOUSA, C. P. de. "O amor dos começos": por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 111, p. 151-171, dez. 2000.

FRANCO, M. A. S. **História de vida: uma abordagem emancipatória aliando pesquisa e formação de professor reflexivo**. 2000. Disponível em:

http://www.educacaoonline.pro.br/art_historia_de_vida.asp. Acesso em 07 mai. 2005.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

MALDANER, O. A. **A formação inicial e continuada de professores de química**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. (Org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

RIBEIRO, A. T. **Histórias de vida e formação de professores de Química**. 2007, 120 p. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2007.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação**, Porto Alegre: Ed. Pannonica, n. 4, p. 215-234, 1991.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXI, n. 73, p. 209-244, dez 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Projeto de Programa de Licenciaturas Especiais**, 2003. Salvador, 2005. 25 p. Disponível em: http://www.prograd.ufba.br/docs/projeto-programa_licenc_espec.doc. Acesso em 10 mai. 2005.

Enviado em Dezembro / 2011

Aprovado em Março/2012